A Arquitectura do Essencial [Architecture of the Essential]

Alexandra Nunes Fonseca[1], Helder Casal Ribeiro[2]

[1]Student at Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal

[2]Assistant Professor FAUP; Researcher CEAU – FAUP Group Atlas da Casa – Identidade e Transferência.

A partir dos temas e principios de Arquitectura, lançados por William J. R. Curtis, Steven Holl, Peter Zumthor, Alberto Campo Baeza e Juha Leviska, nos três simpósios de Alvar Aalto, que decorreram nos anos noventa, percebe-se que estas questões, a procura por uma arquitectura mais humana, que retorne à sua essência, convocando esta ideia da dimensão sensorial e táctil, relacionada sobretudo com a experiência humana individual, foi pertinente para elaboração do projecto do concurso e para a obra construída- O Museu de Arte da Arquidiocese de Colónia.

LUGAR

A cidade de Colónia é marcada pela memória da destruição, causada pela Segunda Guerra Mundial que ocorreu entre 1939 e 1945. As escavações arqueológicas, dirigidas por Sven Seiler entre 1974 e 1977, permitiram identificar vestígios de uma grande parte das construções que antecederam o edifício da Igreja de Santa Kolumba.

Assim, no lugar onde hoje se encontra o Museu Kolumba, terá existido uma área residencial para os romanos provavelmente no século **SEIS** ou **SETE**. A partir dos contornos deste edifico absidal, sucederam os alicerces de uma Igreja com uma só nave, aproximadamente no século **NOVE**. O desenho desta Igreja influenciou os contornos e as dimensões das Igrejas contruídas posteriormente neste lugar.

Assim, o edifício religioso foi substituído por uma Igreja de três naves, cada uma com cinco tramos, no século **ONZE**. A Igreja foi sofrendo algumas **transformações e expansões** ao longo da passagem do tempo, após a segunda metade do século **ONZE**. Durante a terceira expansão, que terá ocorrido durante a primeira metade do século **TREZE**., destaca-se a construção de uma torre e um portal na fachada oeste.

Contudo, a necessidade de expansão da paróquia de Santa Kolumba, leva a que, no século **QUINZE**, a paróquia solicite permissão para comprar edifícios adjacentes, de modo a conseguir expandir a Igreja.

O resultado final da construção da **Igreja de Santa Kolumba** deu origem a um edifício de cinco naves. Neste novo edifício religioso, a torre da fachada oeste e os pilares do arco triunfal terão sido retomados do edifício antecedente. O conjunto edificado sofreu poucas alterações durante o período barroco.

CONCURSO

A Obra construída. - Museu de Arquidiocese de Colónia-, tal como hoje a conhecemos é o culminar de uma série de acontecimentos e transformações ao longo do tempo, no que diz respeito à sua localização e conteúdos programáticos.

Assim, sob a liderança de Joachim Plotzek, e como resultado de um extenso trabalho de investigação, surge a intenção de desenvolver um novo conceito de Museu, um Museu de Contemplação. Deste modo, o museu, para além de garantir o abrigo seguro das obras de arte, deveria também contribuir para a determinação do carácter e da atmosfera do lugar, ou seja, originar uma especifica “qualidade de lugar”.

Foi assim que se iniciaram uma série de viagens pela Europa em 1993. A partir destas viagens reuniram-se um conjunto amplo de referências arquitectónicas, que não só informaram as premissas do concurso, como também permitiram identificar, com mais clareza, os princípios arquitectónicos essenciais para a elaboração do novo edifico.

Após as pesquisas foi anunciado um concurso de Arquitectura, a 16 de Dezembro de 1996, que contava com a presença de sete convidados europeus., Peter Zumthor foi o vencedor do concurso. Por sua vez, Annete Gigon e Mike Guyer, Petry e Partner, David Chiperfield, Ben Van Berkel, foram classificados com o 2º, 3ºe 4º lugar.

- 1º Peter Zumthor-

O objectivo da proposta de intervenção apresentada por Peter Zumthor, prendia-se com o desejo de atingir uma unidade na expressão arquitectónica. Desta forma, o novo edifício ergue-se a partir das paredes de fundação da Igreja, concretizando-se numa nova construção, com o intuito de sintetizar e conectar as várias partes, fragmentadas e heterogéneas, num novo conjunto harmonioso. Assim, a proposta de Peter Zumthor desenvolve-se de acordo com uma perspectiva conciliadora e integradora.

Considerações Finais

Nesta procura de uma Arquitectura do essencial permite-nos colocar em confronto o projecto de concurso e a obra construída. Assim, compreendendo as premissas do concurso, e a obra a partir da experiência individual, habitando o espaço, revela-se pertinente dar conhecimento, que existe uma distinção entre a proposta de concurso e a proposta desenvolvida e contruída.

Partindo das mesmas premissas, intenções, e temas de desenho, a obra construída apresenta formulações distintas que são significativas na evolução das ideias de Peter Zumthor.

A configuração espacial do edificio, incialmente pensada como o interior de uma escultura, evoluiu em conformidade com uma ideia de espaço interior, ligada à energia espiritual.

De acordo com a intenção de desenvolver uma ideia de verticalidade, os dispositivos arquitectónicos, que permitem a comunicação vertical entre os diferentes níveis, apresentam diferenças na sua formalização. Na proposta de concurso o elevador assume um papel de maior destaque, como elemento fundamental para a organização espacial, em relação à escadaria, que surge agarrada a uma das fachadas. Por sua vez, na obra construída as escadas surgem como uma peça escultórica, constituindo um elemento essencial na articulação espacial e, são por si só, caracterizadas como espaço, onde se experiência uma atmosfera particular.

A inexistência do pátio no piso térreo, é outra das diferenças legíveis entre o desenho da proposta de concurso, e o da proposta desenvolvida e construída. O pátio surge na obra construída com o intuito de relembrar o antigo cemitério que outrora ali existiu, convocando a memória colectiva.

Para além de estabelecer uma noção de continuidade entre espaço interior e espaço exterior, o desenho do pátio procura explorar a dimensão fenomenológica na Arquitetcura dos espaços urbanos. Uma procura semelhante foi anunciada e apresenta por Steven Holl no quinto encontro de Alvar Aalto, realizado em 1991, a intenção de desenhar espaços urbanos, de acordo com a mesmas qualidades e características de um espaço interior.

Em concordância com o objectivo de favorecer uma experiência directa com o espaço, que provoque diferentes sensações e emoções, particularmente com o espaço

que abriga os vestígios históricos, anteriormente conectado com o museu apenas de forma visual, na obra construída é possível percorrere-lo através de um tapete em madeira, que sobrevoa e acompanha a imprevisibilidade das ruínas. Esta diferença, da proposta de concurso para a obra construída, no modo como se habita o espaço, para além de oferecer uma experiência particular, enriquece a qualidade espacial e contribuí para caracterizar a atmosfera do espaço.

Com o intuito de atingir uma maior intensidade espacial, os espaços expositivos, anteriormente agrupados num único núcleo central com um deambulatório à sua volta, surgem na obra construída como um núcleo mais expansivo, dividido em pequenas células que se estendem até às paredes exteriores, originando vários momentos de exposição. Estes espaços individuais, lidos como uma massa, e relacionados uns com os outros a partir de um percurso que os une, o seu vazio, são entendidos como um momento de pausa, um respiro, que para além de conectar um espaço com o outro, também constitui espaço.

Deste modo, na obra construída é privilegiada a qualidade e diferenciação espacial. As diferenças, na forma como a área expositiva é concretizada, permitem uma ideia de percurso, caracterizada pela articulação de atmosferas espaciais singulares, que exploram diferentes sensações e emoções, a partir do diferente manuseamento dos instrumentos arquitectónicos, a luz, a materialidade, as texturas, o som, e as dimensões.

Na sala de leitura e no bengaleiro, onde se experiência um ambiente caracterizado por um sentimento de conforto e aconchego, intimamente relacionado com a escala doméstica, personifica de forma singular o modo de entender e intrepretar a Arquitectura de Peter Zumthor, em concordância com o conteúdo apresentado, na sua participação nos encontros de Alvar Aalto, em 1994. Esta ideia de através da caracterização e diferenciação de uma atmosfera espacial, convocar a memória individual.

O invólucro destes espaços, todo em madeira, em consonância com a textura das cadeiras, e a luz natural proveniente do vão, marcam uma atmosfera particular e única que se individualiza dos restantes espaços, convidando assim, à introspecção pessoal.

Em contraste, com esta ideia de conforto e escala doméstica, surgem espaços que exploram a volumetria, a geometria e a configuração tridimensional, com recurso apenas à manipulação do “número preciso de elementos”4, essenciais à Arquitectura, capazes de transmitir materialmente uma ideia, enunciados por Alberto Campo Baeza em “Mais com Menos”, contributo para o sexto encontro de Alvar Aalto, a Luz e a Gravidade, que em conjunto com o material contribuem para a caracterização de atmosferas singulares.

Assim, percebendo que o Museu de Arte da Arquidiocese de Colónia convoca uma experiência particular, sublinha-se a importância do estudo da obra não só a partir dos documentos bibliográficos e dos temas de desenho e opções de projecto, mas também a partir da experiência directa.

Conclui-se que a arquitectura é desenhada, essencialmente, para ser vivida. De facto, uma arquitectura muito ligada a um lado mais sensorial, táctil, e á questão de habitar o espaço, de o viver nas diferentes horas do dia, com a diferente exposição à luz, altera radicalmente o entendimento e experiência da obra.

Uma arquitectura que convoque a dimensão sensorial e táctil, matéria e luz compreendidos do ponto de vista da experiência humana individual, será um processo de desenho, que irá enriquecer não só obras de carácter público, como os equipamentos, mas também a própria habitação, os temas da habitação associados à habitação unifamiliar e, até mesmo plurifamiliar.

Desenhar o projecto de uma casa, convocando uma experiência muito pessoal, contribuí para informar e enriquecer a qualidade espacial, mas também caracterizar a atmosfera dos espaços.

Deste modo, ao viver o espaço percebe-se que convoca uma ideia de Arquitectura, mais do que as questões de um programa, ou até mesmo de um projecto, a obra reflecte uma ideia de Arquitectura que é transversal a qualquer programa.